



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 19/05/2017

BRASIL	2
Mercado afectado por la turbulencia general	2
Denuncia de JBS	2
Impacto sobre los mercados	3
Efecto sobre la Bolsa de San Pablo	4
Aclaración de J.Batista “Erramos e pedimos disculpas”.....	5
Operación Carne Fraca – Frigoríficos de SP perdieron US\$ 12,78 millones en exportaciones	5
Kuwait prometió la reapertura del mercado	6
Nueva denuncia de corrupción sobre funcionarios oficiales	6
International Beef Alliance es presidida por brasileño: Marcio Caparroz.....	6
Comité evaluará las acciones para lograr el estatus de país libre de aftosa con vacunación	7
URUGUAY	7
Firmeza e incertidumbre	7
SIAL CHINA	8
Carne uruguaya apunta a diferenciación en China	8
Uruguay fue el primer proveedor de carnes a China	8
Compañías asiáticas interesadas en adquirir frigoríficos en Uruguay.....	9
La apertura de Japón es “mi último objetivo en inserción internacional”	9
Trabajadores de frigoríficos pararon por 48 horas	10
Paro en frigoríficos diferirá venta de haciendas por US\$ 15 millones	10
Paro afectó solo abasto a pequeñas carnicerías.....	11
Stanham desde China: “Cuota 481 está segura y operativa hasta fin de año”.....	11
PARAGUAY	11
Paraguay ya es libre de aftosa con vacunación ante la SAG Chile	11
Fuerte polémica por la creación del Instituto de la Carne	12
UNIÓN EUROPEA	14
Nuevo caso de EEB atípica detectado en ESPAÑA	14
ESTADOS UNIDOS	14
Anuncian reapertura del Mercado chino.....	14
Impacto de la reapertura	15
Misión de ganaderos hacia Japón y Corea	15
AUSTRALIA	16
Demanda china favorecerá a la industria frigorífica australiana	16
Exportaciones de hacienda en pie: cayeron en abril.....	17
VARIOS	17
JAPON: importaciones tocaron el nivel más elevado de los últimos catorce años.....	17
CHINA abre el Mercado a BIELORUSIA.....	18
EMPRESARIAS	18
JBS posterga oferta de acciones en ESTADOS UNIDOS	18
Piden analizar la fusión entre JBS y Bertin	18



BRASIL

Mercado afectado por la turbulencia general

Sexta-feira, 19 de maio de 2017 - A crise, deflagrada na quarta-feira (17/5) à noite, em função das revelações premiadas, dos donos do frigorífico JBS, e noticiadas pelo Jornal O Globo, afetaram o mercado e provocaram resistência para a venda a prazo para esse frigorífico.

Apesar dos resultados deletérios da denúncia, não houve pressão negativa adicional sobre as cotações em relação à semana anterior e nem terrorismo de mercado

As compras a prazo, apesar da campanha para a venda à vista, disseminada nas redes sociais, aconteceram ao longo da semana e estavam na rotina dos compradores, mesmo com pouco volume de negócios fechados.

Se as compras a prazo vingarem, isso representará ao vendedor, ao pecuarista, um custo financeiro de 5,3% ao mês caso precise do dinheiro à vista, que é o que os bancos cobram para um empréstimo por 30 dias, no hot money.

A cotação da arroba do boi gordo vem sendo torpedeada desde o dia 17 de março, com o advento da operação Carne Fraca, quando as cotações caíram violentamente. De lá para cá vivemos a volta do Funrural, que sequestrará parte do lucro da atividade, do ICMS sobre a carne em São Paulo e agora a imposição do pagamento com 30 dias de prazo. Não está fácil.

Denuncia de JBS

Fonte: Reuters e Agência Brasil 18/05/17 De acordo com jornal, Joesley Batista gravou Temer dando aval a "compra de silêncio" de Eduardo Cunha

O empresário Joesley Batista, um dos controladores do frigorífico JBS, gravou o presidente Michel Temer dando aval à compra do silêncio do ex-deputado federal Eduardo Cunha, disse o jornal O Globo em seu site nesta quarta-feira, 17 de maio. De acordo com o jornal, a gravação é parte de declaração que os controladores da JBS deram à Procuradoria-Geral da República em abril.

A assessoria de imprensa da Presidência não estava disponível para comentar, assim como assessores próximos do presidente, que estavam reunidos com ele. Procurada pela Reuters, a JBS não comentou de imediato a matéria de O Globo.

De acordo com o jornal, na conversa gravada por Joesley com Temer, o dono da JBS conta a Temer que pagava a Cunha e ao doleiro Lúcio Funaro, um dos operadores presos na Lava Jato, para que ficassem calados. Os dois estão presos. De acordo com o jornal, ao receber a informação de Joesley, Temer respondeu: "Tem que manter isso, viu?"

No Congresso, o senador Lindbergh Farias (PT-RJ) anunciou que a bancada do partido vai se reunir para discutir os termos de um pedido de impeachment contra Temer. E o deputado Alexandre Molon (Rede-RJ) informou que já protocolou um pedido de impeachment.

Presidente se defente - A Presidência da República divulgou nota na noite desta quarta-feira, 17 de maio, na qual informa que o presidente Michel Temer "jamais solicitou pagamentos para obter o silêncio do ex-deputado Eduardo Cunha", que está preso em Curitiba, na Operação Lava Jato.

A nota diz que o presidente "não participou e nem autorizou qualquer movimento com o objetivo de evitar delação ou colaboração com a Justiça pelo ex-parlamentar."

De acordo com a Presidência, o encontro com o dono do grupo JBS, Joesley Batista, foi no começo de março, no Palácio do Jaburu. "Não houve no diálogo nada que compromettesse a conduta do presidente da República".

O comunicado diz ainda que Temer "defende ampla e profunda investigação para apurar todas as denúncias veiculadas pela imprensa, com a responsabilização dos eventuais envolvidos em quaisquer ilícitos e que venham a ser comprovados."

Aécio - O Globo também afirmou que o presidente do PSDB, senador Aécio Neves (MG), foi gravado pedindo 2 milhões de reais a Joesley "numa cena devidamente filmada pela Polícia Federal".

A PF teria rastreado o caminho desse dinheiro e teria descoberto que ele foi depositado em uma empresa do senador Zezé Perrella (PMDB-MG), aliado de Aécio.

Joesley também afirmou, de acordo com O Globo, que o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega era seu contato no PT e era com ele que tratava das propinas a serem distribuídas a petistas e aliados. Mantega também operaria os interesses da JBS junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Andrea Neves é presa - A Polícia Federal (PF) prendeu na manhã de hoje (18) Andrea Neves, irmã do senador Aécio Neves (PSDB-MG). Ela foi localizada em um condomínio em Nova Lima, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Foi expedido contra ela um mandado de prisão preventiva pelo ministro do Superior Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, relator dos processos ligados à Operação Lava-Jato.



Em Belo Horizonte, também são cumpridos mandados de busca e apreensão em endereços ligados a Andrea Neves e Aécio Neves e na casa do senador Zezé Perrella (PSDB-MG). A PF não informa os locais exatos e nem a quantidade da mandados abertos para a capital mineira. Uma fazenda do senador no município de Cláudio, na região centro-oeste de Minas Gerais, é outro alvo dos policiais.

Impacto sobre los mercados

18 de maio de 2017 - Equipe brasileira da INTL FCStone analisa os prováveis efeitos da crise política no câmbio e nos mercados de açúcar e etanol, milho, soja e algodão

À luz dos eventos ocorridos da noite de 17 de maio a 18 de maio, com a delação dos irmãos Wesley e Joesley Batista, da JBS, a equipe brasileira de Inteligência de Mercado da INTL FCStone compilou análises para mercados de Câmbio, Milho e Soja, Trigo, Algodão e Açúcar e Etanol. Veja o comentário dos analistas:

Câmbio

Após a moeda americana encerrar a quarta-feira em alta expressiva de quase 0,9%, cotada a R\$ 3,13, impulsionada pelo sentimento crescente de cautela com o cenário político americano, o noticiário brasileiro roubou a cena e causou fortes flutuações no mercado doméstico esta manhã, 18.

O momento é de incerteza absoluta. O efeito imediato das notícias foi o descolamento das cotações do dólar no mercado doméstico, que bateram os R\$3,41 mais cedo. As expectativas de avanço nas reformas trabalhista e Previdenciária, que vinham contribuindo com a recuperação do real, foram colocadas no limbo. Os desenvolvimentos recentes da política nacional e a recuperação da confiança dos investidores colocados em dúvida. Por mais que os fundamentos de oferta e demanda do mercado de câmbio sejam favoráveis, em vista dos saldos comerciais recordes registrados em 2016 e no início deste ano, boa parte da valorização recente do real se baseava na melhora do ambiente de negócios e na calma do cenário político.

Pela natureza da revelação, o país foi pego de surpresa ontem. Mesmo que o mercado se mantivesse relativamente cauteloso, ciente do campo minado em que a política brasileira caminhava, não se aguardava uma reversão tão brusca do status quo.

Às 16h do horário local, Michel Temer fez seu primeiro pronunciamento sobre as acusações que recaem sobre ele. O presidente rejeitou veementemente a possibilidade de renúncia, afirmando que o inquérito aberto no Supremo Tribunal Federal não encontrará nenhuma irregularidade e o inocentará. A decisão de Temer não foi bem-vista pelo mercado: o presidente teve sua governabilidade bastante comprometida com o desembarque das bancadas de partidos importantes da base aliada ao longo do dia, o que coloca em xeque o avanço da agenda de reformas.

O momento atual é marcado por grande incerteza e exige cautela. Dada a gravidade da situação, não enxergamos possibilidade de uma resolução rápida. Estamos escrevendo essa análise no calor dos fatos, e a qualquer momento podem ocorrer mudanças rápidas no cenário descrito.

A seguir, apresentamos os comentários da equipe da INTL FCStone do Brasil sobre os impactos da intensificação da crise política do país sobre as principais commodities agrícolas.

Açúcar & Etanol

Com a elevada participação brasileira na produção (23%) e na exportação (49%) de açúcar, este mercado será um dos mais afetados pela intensificação da crise política no Brasil. O contrato #11 na ICE/NY já vem registrando forte queda e pode sofrer ainda mais em caso de maior desvalorização do câmbio brasileiro. Isso é resultado da participação relativamente preços em moeda local no custo de produção. Além disso, a maioria das usinas nacionais possuem a opção de destinar sua matéria-prima para o açúcar (majoritariamente exportado) ou para o etanol (vendido em sua maioria no mercado doméstico), levando variações cambiais a afetarem o trade-off entre os dois produtos. Por exemplo: para as usinas do estado de Goiás, a produção de açúcar compensava mais que a de etanol com preços do contrato #11 acima de US¢15,74/lb, considerando preços de ontem. Com o dólar a R\$3,40, a equivalência entre os produtos cai para US¢14,54/lb.

Trigo

Para o mercado de trigo, a recente desvalorização cambial pode auxiliar no arrefecimento das importações, que nesta safra 2016/17 ficaram acima do volume importado ao longo dos últimos anos, apesar da produção nacional recorde. A competitividade do cereal da Argentina foi o principal fator que auxiliou nas maiores importações, sendo que com o dólar cotado à R\$ 3,13 o FOB argentino ficaria em torno de R\$ 591,57/tonelada, mais barato que os R\$ 611,24 cobrados pela tonelada no Paraná. Entretanto, com o novo patamar do dólar à R\$ 3,40, o produto estrangeiro chegaria ao Brasil a R\$ 642,6/tonelada, o que deve favorecer as comercializações internas mas não a ponto de inverter a intenção de redução de área para a safra 2017/18, uma vez que os preços correntes não são atrativos aos produtores.

Milho & Soja



Diante de um contexto de oferta mundial ampla e também de safras recordes no ciclo 2016/17 no Brasil, os preços do milho e da soja vêm numa trajetória de queda no mercado interno. Com isso, a comercialização tem caminhado mais lentamente, com os produtores segurando as vendas. Devido à elevada participação do país nas exportações mundiais, sendo o maior exportador de soja e ficando entre o segundo e o terceiro lugar no caso do milho, o dólar tem um papel central sobre as negociações e sobre os preços. Essa forte alta do dólar tende a incentivar um avanço das vendas, com provável reação dos preços domésticos e melhora na competitividade internacional, em relação aos EUA, que é nosso maior competidor nesses dois mercados. No caso do milho, a situação é um pouco mais complicada, porque a logística tem um peso muito grande em relação aos preços do produto, que têm um patamar mais baixo, mas, como o cenário é de oferta muito grande, o real mais fraco deve ajudar.

Algodão

No curtíssimo prazo, os efeitos sobre o mercado de algodão deverão ser indiretos e seguir o movimento das outras commodities. A colheita está próxima mas há pouco algodão no mercado doméstico e o principal período de exportações é somente no terceiro trimestre. O país também não é um importante mercado importador. Para o médio prazo, se mantido neste novo patamar, o câmbio desvalorizado deve incentivar as exportações da pluma com a entrada da nova safra, atualmente estimadas em 630 mil toneladas pelo USDA e em 700 mil pela Conab. As exportações podem muito bem superar este patamar, uma vez que a produção da safra 2016/17 está estimada entre 1,48 e 1,49 milhões de toneladas. Além disso, a possibilidade de que as reformas institucionais sejam travadas e que os cortes da taxa básica de juros sejam limitados pode implicar em uma revisão dos investimentos planejados pela indústria têxtil local e, conseqüentemente, do consumo interno de algodão.

Fonte: INTL FCStone

Efecto sobre la Bolsa de San Pablo

Fonte: Reuters 18 de maio de 2017 - Denúncias ao presidente Temer causam turbulência no mercado e bolsa é obrigada a realizar o primeiro circuit breaker em nove anos

O principal índice da Bovespa desabava nesta quinta-feira, 18 de maio, e devolvia quase todo o ganho acumulado do ano, com os negócios chegando a ser interrompidos mais cedo, o que não acontecia há quase nove anos, após as notícias de gravação com o presidente Michel Temer dando aval para a compra do silêncio do ex-deputado Eduardo Cunha.

Às 12:50, o Ibovespa caía 9,34 %, a 61.230,62 pontos. O giro financeiro era de R\$ 8,94 bilhões. No ano até a véspera, o Ibovespa acumulava alta de 12,14%, após subir 38,9% em 2016. O mecanismo de circuit breaker, que não era usado desde 22 de outubro de 2008, foi acionado às 10:21 desta quinta-feira, quando Ibovespa caía 10,47% a 60.470 pontos, quando os negócios foram interrompidos por 30 minutos. Segundo as regras da B3, a interrupção pode voltar a acontecer por uma hora caso a queda chegue a 15% em relação ao fechamento da véspera.

"Agora a gente volta para o cenário desagradável de fechar as planilhas de valuation e todas as precificações de ativos se voltam para o noticiário político", disse o gestor de renda variável da Fator Administração de Recursos, Daniel Utsch.

As denúncias envolvendo Temer vieram à tona na noite passada, quando o jornal O Globo publicou que Joesley Batista, um dos controladores do frigorífico JBS, gravou Temer concordando com pagamentos para manter o silêncio do ex-deputado Eduardo Cunha. As ações da JBS caíam 14,7%.

Até por volta do meio dia, a JBS já havia perdido cerca de R\$ 4,5 bilhões em valor de mercado ante a véspera, mantendo o movimento visto nos últimos pregões, uma vez que os papéis da empresa vinham sofrendo com ações da Polícia Federal e após a divulgação do balanço do primeiro trimestre. Apenas em dois dias, até a véspera, a JBS perdeu cerca de 3,5 bilhões de reais em valor de mercado.

As outras ações que mostravam as maiores quedas do pregão eram Rumo ON, Eletrobras ON e Banco do Brasil ON, com baixas de 19,17%, 18,14% e 17,1%, respectivamente.

Itaú Unibanco PN e Bradesco PN, ações de grande peso no índice, perdiam 11,8% por cento e 14,5% por cento, respectivamente.

Os únicos papéis que subiam neste pregão eram os de empresas que se beneficiam com a alta do dólar. Fibria ON tinha alta de 7,5% por cento, enquanto Suzano Papel e Celulose PNA ganhava 3,6% por cento e Embraer ON avançava 0,4%.

Dólar dispara - O dólar futuro disparava nesta quinta-feira, chegando a atingir o limite máximo permitido de 3,4175 reais para este pregão, depois de denúncias envolvendo o presidente Michel Temer que alimentaram percepções de que as reformas serão afetadas e, conseqüentemente, a recuperação da economia.

Os negócios no mercado à vista demoraram a acontecer, com os investidores evitando tomar posições, e eram poucos nesta sessão. Diante disso, o Banco Central anunciou nova intervenção no mercado, com leilão de swaps tradicionais, equivalentes à venda futura de dólares, e que não eram voltados para rolagem de contratos já existentes.



Às 12:00, o dólar avançava 6,06% , a R\$ 3,3237 reais na venda, depois de bater R\$ 3,4400 reais na máxima do dia. O dólar futuro subia 5,85%, a R\$ 3,3330 reais.

Aclaración de J.Batista “Erramos e pedimos desculpas.

19/05/17 - por Equipe BeefPoint Não honramos nossos valores quando tivemos que interagir, em diversos momentos, com o Poder Público brasileiro. E não nos orgulhamos disso.

Nosso espírito empreendedor e a imensa vontade de realizar, quando deparados com um sistema brasileiro que muitas vezes cria dificuldades para vender facilidades, nos levaram a optar por pagamentos indevidos a agentes públicos.

Ainda que nós possamos ter explicações para o que fizemos, não temos justificativas.

Em outros países fora do Brasil, fomos capazes de expandir nossos negócios sem transgredir valores éticos.

Assim construímos um grupo empresarial gerador de mais de 270 mil empregos diretos, com times extraordinários e competentes, que operam 300 fábricas em cinco continentes e oferecem mundialmente produtos de qualidade.

O Brasil mudou, e nós mudamos com ele. Por isso estamos indo além do pedido de desculpas. Assumimos aqui um Compromisso Público de sermos intolerantes e intransigentes com a corrupção.

Assinamos acordos com o Ministério Público. Concordamos em participar de alguns dos mais incisivos mecanismos de investigação existentes e nos colocamos à disposição da Justiça para expor, com clareza, a corrupção das estruturas do Estado brasileiro.

Pedimos desculpas a todos os brasileiros e a todos que decepcionamos, que acreditam e torcem por nós.

Enfrentaremos esse difícil momento com humildade e o superaremos acordando cedo e trabalhando muito.

Joesley Batista”

Análisis de la revista VALOR

18/05/17 - por Equipe BeefPoint

Não só Joesley Batista está de mudança para Nova York. O frigorífico JBS, uma das maiores empresas de alimentos do mundo, está de mudança para o exterior. E essa é a explicação para que o empresário tenha decidido fechar a toque de caixa a delação das delações.

Ao “rifar” o governo Temer e, no caminho, lançar o país no abismo das incertezas política, financeira e econômica, Joesley Batista quer assegurar o passaporte de seu grupo para fora do Brasil. Para garantir a execução do plano traçado, a empresa e seus controladores precisavam se acertar com o Departamento de Justiça dos Estados Unidos, o poderoso DoJ.

A maior parte das operações do JBS — quase 80% — já estão no exterior hoje. Nos Estados Unidos são mais de 56 fábricas de processamento de carne e quase metade das suas vendas globais.

Em dezembro o grupo aprovou a realização de um IPO na Bolsa de Nova York, num amplo processo de reorganização que levará o grupo a deixar de ser essencialmente brasileiro. A empresa que abrirá o capital é a JBS Foods International, com sede na Europa, e que deterá todos os negócios internacionais da JBS e da Seara.

Ainda no ano passado, o grupo tentou migrar sua sede para a Irlanda, como parte desse plano, mas os planos tiveram que ser cancelados quando o Brasil passou a considerar aquele país um paraíso fiscal.

Os Batista agiram rápido, escolhendo o caminho oposto ao da família Odebrecht, que viu seus negócios sangrarem enquanto relutava em colaborar com as investigações.

Fonte: Vanessa Adachi, para o Valor Econômico.

Operación Carne Fraca – Frigoríficos de SP perdieron US\$ 12,78 millones en exportaciones

16/05/17 - por Equipe BeefPoint Os frigoríficos paulistas deixaram de exportar US\$ 12,78 milhões após a Operação Carne Fraca, divulgada em março de 2017 pela Polícia Federal, afirma a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, baseada em estudo do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

Os pesquisadores Celso Vegro e José Alberto Angelo afirmam que a investigação gerou um “custo da precipitação” para as empresas, que seria justamente este valor “perdido” com as exportações.

De acordo com a pesquisa, as exportações paulistas de carnes in natura e industrializadas, no primeiro bimestre de 2017, recuaram 9,25%, para US\$ 270,339 milhões frente a igual período do ano anterior (US\$ 297,895 milhões). Já em março, a proporção da queda na comparação anual foi acentuada e o Estado embarcou US\$ 149,174 milhões, 16,41% a menos do que março de 2016 (US\$ 178,459 milhões).

“Adotando hipótese plausível de que os 9,25% de redução nos embarques paulistas do primeiro bimestre do ano se mantivessem sobre março de 2017, o montante apurado pelo segmento alcançaria aproximadamente US\$ 162 milhões. Entretanto, o saldo cambial efetivo obtido no mês de US\$ 149,17



milhões revelou o 'custo da precipitação' por parte da Polícia Federal para os frigoríficos paulistas, estimado, assim, em US\$ 12,78 milhões."

Vegro e Angelo ponderam que a análise não considerou as imediatas repercussões da operação policial em âmbito do mercado interno. "Levantamento estatístico com 1.067 paulistanos revelou que um em cada três consumidores diminuiu o consumo de carnes após a operação da Polícia Federal."

Fonte: Estadão, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Kuwait prometeu a reabertura del mercado

16/05/17 - por Equipe BeefPoint Visita de três dias ao Kuwait foi encerrada nesta segunda-feira (15) pelo ministro da Agricultura, Blairo Maggi, com a promessa do governo daquele país de reabertura do mercado para carnes bovinas provenientes do Brasil, que estava fechado desde 2015.

Maggi reuniu-se com os ministros da Agricultura (Mohamed Al Gabri) e da Indústria e Comércio (Khaled Nasser Abdullah Al Roudan), depois de 12 anos de ausência de autoridades brasileiras em visita ao país.

De acordo com o ministro, além de demonstrar interesse em aumentar o intercâmbio na área do agronegócio, a pauta anualmente é de apenas US\$ 300 milhões, "há muito espaço para crescer".

Nesta terça-feira (16), o ministro estará na Arábia Saudita, com reunião prevista na Saudi Agricultural and Livestock Investment Company, e na quarta-feira (17), junto com representantes de entidades empresariais brasileiras participará do seminário, na capital Riyadh, Investimento no Brasil: Agronegócio e Infraestrutura.

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Nueva denuncia de corrupción sobre funcionarios oficiales

16 de maio de 2017 - Frigoríficos e empresas de laticínios estão sob suspeita de terem sido beneficiados em processos administrativos

A Polícia Federal (PF) deflagrou hoje, 16, a Operação Lucas, que investiga crimes de corrupção envolvendo servidores do Ministério da Agricultura e empresas fiscalizadas.

Segundo a PF, a investigação começou após denúncia de que frigoríficos e empresas de laticínios teriam sido favorecidas em processos administrativos, por meio do retardamento na tramitação e anulação de multas.

As investigações constataram, por meio de quebras de sigilos fiscal e bancário, que a chefe de Fiscalização do ministério à época dos fatos, recebia de empresas fiscalizadas valores mensais para custear despesas próprias.

"Apenas em sua conta pessoal a investigação identificou a diferença de mais de 200% do declarado em seu imposto de renda. Também foi detectado que o esquema criminoso movimentou cerca de R\$ 3 milhões, entre os anos de 2010 a 2016", diz a nota.

Cerca de 120 policiais federais cumprem 62 mandados judiciais, sendo 10 prisões temporárias, 16 de condução coercitiva e 36 de busca e apreensão. Os mandados estão nos estados de Tocantins, do Pará, Maranhão, de São Paulo e Pernambuco. A Justiça determinou também o bloqueio de contas bancárias e indisponibilidade de bens móveis e imóveis nos valores de R\$ 2,2 milhões.

De acordo com a PF, o nome da operação é uma passagem bíblica do evangelho de Lucas, em que o evangelista diz que não se deve pedir mais do que é ordenado. "Não peçais mais do que o que vos está ordenado" e "A ninguém trateis mal nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso soldo".

Em viagem, Blairo Maggi anunciou que os envolvidos serão afastados imediatamente das suas funções. "E serão alvo de uma auditoria que poderá terminar com a exoneração dos cargos públicos. O Ministério acompanha e dá todo suporte à PF nas operações", disse Maggi.

Fonte: EBC

International Beef Alliance es presidida por brasileño: Marcio Caparroz

16/05/17 - por Equipe BeefPoint A secretaria-executiva da International Beef Alliance (IBA) passa a ser ocupada por um brasileiro. O médico veterinário Márcio Caparroz foi escolhido pela entidade que representa os sete maiores produtores de proteína vermelha no mundo. A Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat) e a Associação Nacional de Confinadores (Assocon) representam o Brasil na entidade. Ainda compõem a IBA os Estados Unidos, Austrália, Canadá, México, Nova Zelândia e Paraguai.

Caparroz concorreu com candidatos internacionais e foi selecionado para fazer a gestão administrativa da entidade. Entre as funções da IBA, está a representação do setor produtivo no mercado internacional, atuando de maneira política e estratégica para garantir o estabelecimento de regras sanitárias e mercadológicas justas para todos os integrantes da cadeia produtiva.

O diretor-técnico da Acrimat, Francisco De Sales Manzi, defende a participação ativa do Brasil na entidade e a expansão para mais países produtores para o fortalecimento da representatividade.



Caparroz, que iniciou os trabalhos no último dia 08 de maio, explica que neste primeiro momento o foco está no desenvolvimento de uma plataforma de trabalho, observando as particularidades de cada país, mas com ações coletivas.

“A IBA tem por objetivo fazer a intermediação entre os produtores e consumidores, combatendo exigências desnecessárias e promovendo discussões para ampliação de mercados e do consumo mundial de carne bovina”.

Outra vertente a ser trabalhada pela entidade é com relação à produção sustentável de carne, ou seja, conhecer e debater as exigências mundiais para estabelecer métodos produtivos. “Trabalhamos para que a produção sustentável seja um diferencial produtivo e não mais uma barreira. Por isso acompanhamos todas as discussões, apresentando alternativas e soluções para os produtores e para os consumidores”, afirma Márcio Caparroz.

O encontro anual da IBA acontece no Paraguai, entre os dias 16 e 20 de setembro deste ano.

Fonte: Acrimat, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Comité evaluará las acciones para lograr el estatus de país libre de aftosa con vacunación

15/05/17 - por Equipe BeefPoint O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) criou comitê para preparar as ações destinadas a marcar a declaração do Brasil como país livre da febre aftosa com vacinação. A previsão é que o anúncio seja feito durante a reunião anual da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), marcada para maio de 2018, em Paris.

A certificação oficial pela OIE de que todo o território nacional é livre da doença, com vacinação, deve contribuir para ampliar e abrir novos mercados internacionais às carnes brasileiras.

A primeira reunião do comitê do Mapa deverá ser realizada nas próximas semanas. Entre as suas atividades, está a elaboração de logomarca da Certificação do Brasil pela OIE.

O comitê organizador foi criado por meio de portaria assinada pelo ministro Blairo Maggi e publicada na edição desta sexta-feira (12) do Diário Oficial da União.

Na reunião deste ano da OIE, que vai ocorrer entre 21 e 26 deste mês, em Paris, será tratada a ação global para reduzir a ameaça da resistência aos agentes antimicrobianos, além das expectativas de adesão do setor privado aos programas internacionais de saúde animal e desenvolvimento da pecuária.

Fonte: Mapa, adaptada pela Equipe BeefPoint.

URUGUAY

Firmeza e incertidumbre

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Mayo 18, 2017 Paros, temporales y crisis política en Brasil hacen de la que pasó una semana muy peculiar y que sea difícil determinar qué dirección tomará el mercado

En una semana de enorme incertidumbre, el mercado ganadero se mantiene firme en las referencias que se fueron constituyendo en la semana pasada. Los mejores novillos siguen superando los US\$ 2,90 y con muchos productores esperando los US\$ 3 para vender los mejores novillos.

Hay una oferta importante de novillos de campo bien terminados que se comercializan entre US\$ 2,85 y US\$ 2,90. La lógica de esperar a los US\$ 3 ganando kilos, que se veía fortalecida por un mayo amigable climáticamente, puede verse interrumpida con el temporal que se anuncia sobre el cierre de esta edición.

Por otra parte al cierre también siguen reunidos los trabajadores de la Federación de Obreros de la Industria Cárnica que interrumpieron la faena durante dos días esta semana y cuyo conflicto no está claro que rumbo seguirá.

Para agregar complejidades, la debacle del gobierno de Temer generó una disparada del dólar en Brasil y por lo tanto una baja de los precios brasileños en dólares que también puede ser un factor que incida en las próximas semanas. De modo que da la impresión que la suba que acumuló durante las últimas cuatro semanas puede hacer una pausa tanto por clima como por incertidumbre externa.

Se han concretados negocios puntuales por más de US\$ 2,90 para lotes voluminosos, de ganados bien pesados, de buena calidad y con poco flete, pero fueron operaciones puntuales que no es claro puedan sostenerse en el corto plazo.

Para la vaca la referencia de precios se ubica en US\$ 2,60 a US\$ 2,65, con más oferta disponible y menos demanda que el novillo. La semana pasada fue la de más faena del año, cruzó los 50 mil vacunos, pero más que ser un indicativo de una corrida de oferta, parece un indicador de acopiar previo al paro.

Esta semana las cargas se vieron interrumpidas el lunes y martes por el paro de los trabajadores de la industria cárnica. Este miércoles se cargó con normalidad. Y las entradas se mantienen entre una semana y 10 días.

Preocupa el impacto que pueda tener el paro, "porque los ganados que estaban para estos días se corren para la semana que viene, demora las entradas a los frigoríficos, va a empezar a pesar el clima y las



primeras heladas y eso posiblemente vaya a debilitar la posición vendedora de los productores", consideró un consignatario.

Las cuadrillas kosher siguen operando, aunque se espera su retirada para fin de mes, otro factor que será clave en la evolución del mercado en los próximos días.

SIAL CHINA

Carne uruguaya apunta a diferenciación en China

17/05/2017 Conformaron grupo de trabajo para fomentar trazabilidad.

El gobierno chino invitó a Uruguay a formar parte de un grupo de trabajo y una asociación estratégica basada en la complementación para fomentar la trazabilidad integrada y mejora de la calidad de la carne y otros productos. "Hoy hay una definición de un interés de transitar por un proceso en el cual se promueva la trazabilidad mediante una certificación en origen que no tiene nada que ver con la del Instituto Nacional de Carnes o la del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca hacen", dijo el ministro Tabaré Aguerre, en el marco de una entrevista en el programa Valor Agregado de Carve en China.

Aguerre reconoció que esa nueva certificación que se pretende impulsar, formará parte de la diferenciación de la carne uruguaya en el mercado Chino, que hoy acapara el 52% de la producción, cuando hace 6 años atrás sólo importaba menudencias desde Uruguay.

El secretario de Estado dijo que esa nueva certificación "debe ser opcional y no vinculante. Es algo así como la que tiene Certicarnes (la certificadora de INAC) para la carne producida bajo el protocolo Never EVer III con Estados Unidos (libre de hormonas y antibióticos) o la que le pide a la industria un cliente determinado de la Unión Europea, para certificar determinados atributos.

Aguerre afirmó que Uruguay tiene que "seguir manteniendo sus ventajas competitivas, la genética de sus animales, la base productiva pastoril, sin hormonas, sin antibióticos como promotores de crecimiento, con altos estándares de seguridad y trazabilidad, pero tal vez dentro de unos años se tenga que intensificar el proceso de terminación".

Consideró que la cadena cárnica uruguaya debe seguir trabajando en "imponer el concepto de carne preferentemente a pasto, pero no exclusivamente a pasto. No será pecado incorporar el grano en algunas etapas (como hoy se hace para la cuota cárnica 481/UE)".

Mirando al futuro, Aguerre consideró que dentro de unos 6 años el mercado chino "tendrá una segmentación en la calidad que será importante para Uruguay" y dijo que aspira a que el país ocupe "el lugar de Australia en cortes de alto valor, con las características de la carne uruguaya, con la imagen de origen de Uruguay y si tengo la autoridad sanitaria que quiere fomentar la trazabilidad y le interesa mirar a Uruguay, para mí, eso solo me facilita determinadas cosas".

En 2016, China aumentó su volumen global de compras en un 6%, pasando a ubicarse entre los mayores importadores del mundo, junto a Estados Unidos y Japón. Su activa participación explica la evolución positiva que ha tenido el comercio mundial de carne vacuna en este período.

El menor volumen de ventas de Australia por problemas climáticos, dejó espacios para países del Mercosur. En 2016, del total de importaciones de carne bovina enfriada y congelada, Brasil ocupó el 32% y Uruguay el segundo lugar, representando una cuarta parte de dicho total, según confirmó INAC. Según datos brindados por China Meat Association y obtenidos de la Administración General de Aduanas, entre enero y marzo de 2017, Uruguay fue el primer proveedor de carne y productos cárnicos de China (49,4 mil toneladas) seguido por Australia (46,4 mil toneladas) y Brasil (26,5 mil toneladas).

Uruguay fue el primer proveedor de carnes a China

Mayo 16, 2017 El primer puesto se alcanzó en el primer trimestre de 2017 seguido de Australia

Uruguay fue el primer proveedor de carne y productos cárnicos de China con 49,4 miles de toneladas, durante el primer trimestre de este año, seguido por Australia (46,4 mil toneladas) y Brasil (26,5 mil toneladas), según datos brindados por China Meat Association y obtenidos de la Administración General de Aduanas, informó el Instituto Nacional de Carnes (INAC).

China ha pasado a ser el principal destino de exportación y eso explica la alta concurrencia de empresarios privados del sector cárnico – aproximadamente 50 personas- en esta nueva edición de SIAL CHINA 2017 que se desarrolla entre este miércoles 17 y jueves 19 de mayo, donde Uruguay participa en forma ininterrumpida desde el 2004.

En 2016, China aumentó su volumen global de compras en un 6%, pasando a ubicarse entre los mayores importadores del mundo, junto a Estados Unidos y Japón. Su activa participación explica la evolución positiva que ha tenido el comercio mundial de carne vacuna en este período.

Presencia del Mercosur

El menor volumen de ventas de Australia por problemas climáticos, dejó espacios para países del Mercosur. En 2016, del total de importaciones de carne bovina enfriada y congelada, Brasil ocupó el 32%



y Uruguay el segundo lugar, representando una cuarta parte de dicho total. Le siguen en orden de importancia: Australia con el 18%, Nueva Zelanda con el 13 % y Argentina con el 11%.

En esta oportunidad, acompañan a las autoridades de INAC, 18 plantas de faena que representan casi el 90% de las exportaciones cárnicas en valor, en el periodo enero-marzo 2017.

Además, se cuenta con la presencia del Ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) Tabaré Aguerre y del director de la Unidad de Asuntos Internacionales del MGAP, Rodolfo Camarosano. Acompañan también, el Embajador Fernando Lugris, el Cónsul General en Shanghai Leonardo Olivera y el Agregado Comercial Alejandro Mongrell.

Stand de INAC

El stand, organizado por INAC, tiene una superficie de 360 m², dividido en dos espacios. El mensaje central resalta la producción a cielo abierto todo el año, día y noche, dando así otra dimensión al concepto de carne natural. Es una perspectiva original, que no había sido usada hasta el momento y destaca cómo el ganado vive al aire libre durante su ciclo de crianza.

Al finalizar el primer día de feria, Uruguay ofrecerá una recepción en el Hotel Grand Hyatt Shanghai para agasajar a 200 invitados, con carnes y vinos uruguayos.

Las carnes serán preparadas por el Chef Ejecutivo del hotel Rolf Knecht, tanto al estilo oriental como occidental, para mostrar la versatilidad y la alta calidad de nuestros productos. La velada será amenizada con un show musical de tango.

El pasado viernes 12 de mayo, previo al comienzo de la feria, el Presidente de INAC, Federico Stanham, los miembros de Junta: José Mesa (representante de productores) y Gastón Scayola (representante de la industria frigorífica) y Silvana Bonsignore, Gerente de Marketing, participaron en diversas actividades de trabajo en Guangzhou, para evaluar las acciones de promoción de las carnes uruguayas, que se vienen desarrollando allí desde agosto 2016.

Compañías asiáticas interesadas en adquirir frigoríficos en Uruguay

18 de mayo de 2017 Varias compañías asiáticas han expresado su interés en adquirir Frigorífico Pando en los últimos seis meses, aunque no se avanzó en conversaciones de adquisición. Así lo informó a Bloomberg el director de esa industria, Eduardo Urgal.

El potencial de crecimiento para las exportaciones de carne de Uruguay y una serie de acuerdos que se han concretado en los últimos años hacen pensar que probablemente inversores asiáticos sigan apostando por la compra de frigoríficos locales, detalla el artículo.

“Es muy probable que capitales asiáticos, en particular chinos, ganen terreno en la industria frigorífica uruguaya”, señaló Urgal a Bloomberg en una entrevista realizada el 10 de mayo.

“Los acuerdos comerciales son un factor de competitividad, tan importantes como el tipo de cambio y la productividad laboral”, dijo Urgal, y agregó que “si en dos o tres años Australia reconstruye su rodeo vacuno y sus costos se aproximan a los de Uruguay, vamos a estar en problemas.

La apertura de Japón es “mi último objetivo en inserción internacional”

16/05/2017 - El mercado podría estar “habilitado a mediados de este año”.

La apertura de Japón para la colocación de carne vacuna uruguaya está cada vez más cerca y las señales favorables, como la compra de frigorífico BPU por parte de una empresa japonesa y el arribo del viceministro de agricultura japonés a nuestro país a fines de junio, aventuran la habilitación del país asiático.

“No corresponde que yo haga el anuncio porque la autorización no depende de nosotros”, señaló a Rurales El País Tabaré Aguerre. Sin embargo, el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca aseguró desde la feria SIAL China recordó que durante Expo Prado 2016 “dije que el mercado iba a estar habilitado a mediados de este año”.

El secretario de Estado explicó que actualmente se está transitando una etapa de definición política y la aspiración es “alcanzar la apertura del mercado” en los próximos meses. Aguerre indicó que Japón es un mercado “importante” y “no tenemos desventajas arancelarias con nuestros competidores”.

Además, afirmó que este logro sería “mi último objetivo en materia de inserción internacional competitiva que me propuse en 2010”.

Aguerre dijo que el primer rol del ministerio es lograr la apertura sanitaria en Japón, para después trabajar en temas arancelarios, que es lo más “complicado”; y la estrategia de “diferenciación”. Contó que a igualdad de aranceles en mercados dinámicos la “diferenciación del producto nos puede ayudar a sobrellevar algunas situaciones que son difíciles con aranceles”.

Remarcó la necesidad de que Uruguay siga manteniendo con inteligencia sus ventajas competitivas, que refieren a la genética animal, base productiva pastoril, sin hormonas ni antibióticos como promotores de crecimiento, y altos estándares de seguridad y trazabilidad.



Finalmente dijo que en algunos años se debe comenzar a evaluar los diferentes sistemas de producción para aumentar los volúmenes producidos y la calidad de las carnes, trabajando en posicionar el concepto de "preferentemente a paso" y no "exclusivamente a pasto".

Trabajadores de frigoríficos pararon por 48 horas

Mayo 15, 2017 La medida se aplicará desde este martes por demoras en acuerdo salarial

Los trabajadores de la industria frigorífica realizarán un paro de 48 horas a partir de este martes por la falta de avances en las negociaciones salariales, según lo resuelto por la Federación de Obreros de la Industria de la Carne y Afines (Foica).

Si bien se vencieron los plazos siguen las instancias de negociación en el ámbito de la Ronda de Salarios que se cumple en el Ministerio de Trabajo, destacó a El Observador el secretario general de la Foica, Luis Muñoz.

Explicó que está muy distante la propuesta de la industria en relación a los reclamos de los trabajadores, fundamentalmente en los aspectos adicionales al salario básico.

Principalmente las diferencias están radicadas en los ingresos que tienen los trabajadores por el concepto de pago por productividad, explicó Muñoz

Agregó que hay una solución intermedia ofrecida por el MTSS que tampoco aceptaron los industriales.

Paro en frigoríficos diferirá venta de haciendas por US\$ 15 millones

Mayo 16, 2017 Paro por 48 horas por la falta de avances en las negociaciones salariales

La paralización en la industria frigorífica, decretada por los trabajadores para este martes y miércoles por reivindicaciones salariales, impedirá que el mercado de haciendas comercialice ganados con destino a faena por alrededor de US\$ 15 millones.

La medida motivada por la demora en definir el acuerdo salarial entre trabajadores e industriales provoca un fuerte impacto en la operativa del negocio de la carne, que representa una facturación mensual de más de US\$ 200 millones entre exportación y abastecimiento del mercado interno.

La Federación de Trabajadores de la Industria de la Carne y Afines (Foica) resolvió parar 48 horas a partir de hoy en función de que no han existido avances en las negociaciones que se cumplen en el Consejo de Salarios, confirmó a El Observador el secretario general de la Foica, Luis Muñoz.

La inactividad de dos días representa que quedarán sin faenar unos 17.500 animales vacunos, con la consiguiente repercusión desde el punto de vista económico y acciones comerciales que afectará al sector.

Según el dirigente sindical, las posiciones no están muy alejadas en cuanto al salario básico. Sin embargo, la mayor diferencia entre las partes se produce en cuanto al ajuste general que incluye distintos beneficios, así como también el pago por productividad a los empleados.

"La solución intermedia de un ajuste salarial de 8,5% para el primer año; 7,5% para el segundo; y 7% para el tercer año, en la posición de la Foica debería aumentarse en 0,5% en cada ítem, mientras que la industria, si bien la podría aceptar o estar por debajo en 0,5%, no mejora las condiciones generales del acuerdo, más allá del salario básico", explicó Muñoz.

Agregó que la industria hace una propuesta "por la cual los trabajadores se quedan sin ajuste en la tabla de remuneración por cabezas faenadas".

Diferencias

Según Muñoz, hay diferencias porque "el sindicato no entiende que sea un sector que esté en dificultades con el volumen de faena que realiza, si bien admitió que no tiene el nivel de rentabilidad que tenían en los últimos años".

Frente a esta situación, el Ministerio de Trabajo hizo una propuesta considerando que la industria está "en nivel medio salarial", posición que aceptaría la industria, pero que "afecta a los trabajadores al eliminar la tabla por cantidad de cabezas faenadas", dijo el sindicalista.

"Además, no se ofrecen mejoras para quienes trabajan con niveles de productividad mínima, ni reajuste por antigüedad y por presentismo, y canasta de carne, que en los últimos tiempos se paga en efectivo", reseñó Muñoz.

Está en riesgo el abasto de leche

Un conflicto iniciado a consecuencia de la puesta en marcha de una nueva máquina para el envasado de leche en Conaprole, que se dispuso con personal de otra sección en el Centro Industrial Montevideo (CIM), pone en riesgo el abastecimiento del producto a Montevideo y a la mayoría de los departamentos, confirmó a El Observador el secretario general del sindicato, Luis Goichea. De no encontrarse una solución, la paralización que afectaría el normal suministro de leche fresca puede comenzar en esta jornada.



Paro afectó solo abasto a pequeñas carnicerías

Mayo 17, Medida provoca dificultades en comercios con poca capacidad de frío

La paralización de actividades en los frigoríficos dispuesta por la Federación de Obreros de la Industria de la Carne y Afines (Foica), que ingresa este miércoles en el segundo y último día, no afectó ayer mayormente el normal suministro de carne a la población, aunque algunos comercios con poca capacidad de frío sufrieron inconvenientes para mantener un stock suficiente de carne.

En general, los carniceros previnieron esta situación y stockearon las medias reses y cajas con pulpas para superar la falta de entregas durante dos días, informó a El Observador el presidente de la Unión de Vendedores de Carne (UVC), Heber Falero.

El impacto ha sido menor que si la medida se hubiera adoptado un jueves y viernes, lo que suponía almacenar carne en las cámaras de carnicerías por más de tres días. Pero al ser más a mitad de semana –y al haber sido advertidos de la situación la mayoría de las carnicerías– "se pudo prevenir la situación haciendo compras anticipadas en los días anteriores", explicó Falero.

Por esa razón, el lunes se hicieron las compras para abastecer incluso hasta mañana jueves, porque si bien ese día debería normalizarse la faena no es posible comercializarla en la misma jornada por disposiciones del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP).

Acatamieto

Por otra parte, la medida de paro por 48 horas tuvo ayer "un acatamiento muy importante", evaluó a El Observador el secretario general de la Foica, Luis Muñoz. Explicó que "solo trabajaron algunas plantas chicas dedicadas al abasto con personal no afiliado al sindicato". Una de esas plantas fue Frigoyí, en Durazno, según pudo saber El Observador.

Si bien industriales y trabajadores estaban convocados para seguir negociando ayer en el Ministerio de Trabajo, no se produjo esa instancia porque la representación de empresarios –si bien concurrió– solo se entrevistó con la delegación del Poder Ejecutivo, dijo Muñoz.

Ahora se espera que en esta jornada se produzca una nueva instancia y que la delegación industrial haga alguna propuesta. "En caso de que no se modifique la posición empresarial, los trabajadores están convocados para una reunión plenaria a cumplirse hoy en horas de la tarde y lo resuelto se transmitirá luego a las asambleas sindicales a nivel de las plantas frigoríficas", explicó el dirigente.

Los sindicalistas no descartan ninguna medida si no logran una solución a sus planteos, concluyó Muñoz.

Stanham desde China: "Cuota 481 está segura y operativa hasta fin de año"

15/05/2017 - Se va a trabajar "produciendo y exportando" carne cuota 481 con "normalidad".

Hasta fin de año la cuota 481 está "segura y operativa", confirmó a Rurales El País Federico Stanham. El presidente del Instituto Nacional de Carnes dijo desde la feria de alimentos SIAL China 2017 que el proceso administrativo está en stand by porque Estados Unidos debe designar -debido al cambio de gobierno- al nuevo representante que asesora en asuntos internacionales al presidente Donald Trump.

Explicó que el proceso se va a reiniciar cuando sea nombrado el integrante norteamericano, posteriormente Estados Unidos comenzará a tomar postura sobre el futuro de la cuota.

Hasta el momento ninguna de las partes -EE.UU. y UE- han "denunciado el convenio". Luego de esto, el cupo tendría una "vigencia de seis meses"; sin embargo, hasta la fecha no se han cumplido los pasos administrativos, afirmó Stanham.

La semana pasada el presidente de INAC participó de una serie de reuniones privadas con representantes de Estados Unidos y Australia para seguir de cerca los movimientos que se vienen desarrollando en torno al contingente europeo. Stanham dijo que hasta ahora "no hay grandes novedades" dado que no se "desencadenó el proceso final".

De todas maneras, reiteró que hasta el 31 de diciembre "se va a trabajar produciendo y exportando" carne cuota 481 con "normalidad". También indicó que "otros jugadores" dicen que la cuota se jugará hasta julio de 2018, pero "no me aventuro a dar esa noticia".

PARAGUAY

Paraguay ya es libre de aftosa con vacunación ante la SAG Chile

El Servicio Agrícola Ganadero (SAG) de Chile reconoció el estatus sanitario del Paraguay, como país libre de aftosa con vacunación, lo que ampliará y diversificará los envíos de carne a dicho país, que es nuestro principal mercado, se informó ayer en rueda de prensa en la Rural.

Aunque la Organización Mundial de Salud Animal (OIE) otorgó al Paraguay la restitución del estatus sanitario de país libre de aftosa con régimen de vacunación el 7 de noviembre del 2013, el Servicio Agrícola Ganadero de Chile lo reconoce recién ahora, informó ayer el ministro de Agricultura y Ganadería, Ing. Juan Carlos Baruja.

Por su parte, el titular del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Dr. Hugo Idoyaga, explicó que cada mercado tiene sus propias normativas sanitarias y ante Chile el proceso técnico llevó



más de un año de trabajo, con inspecciones y auditorías. Detalló que Paraguay tenía ante el país trasandino la categoría 3 y ahora posee la categoría 2.

Explicó que el nuevo estatus ante Chile permitirá ampliar el espectro de la exportación de carne, ya que hasta ahora solo estaban habilitados unos 2.000 establecimientos, con alrededor de 4.000.0000 de cabezas de ganado, para participar en la cadena de envíos. “Con la categoría 2 se podrá exportar de todos los establecimientos del país y además se podrá incluir rubros como las hamburguesas, carne molida, entre otros”, acotó.

También participó de la reunión el nuevo titular de la Cámara Paraguaya de Carnes, Juan Carlos Pettengill, quien felicitó el trabajo serio y de alto nivel del Senacsa, pues mediante este logro se podrá aumentar un poco más las exportaciones a Chile, principal mercado, que para el Paraguay representa el 35% de los envíos de carne y que en dicho destino, nuestras exportaciones ocupan casi el 70% de ese mercado. Según los datos, la División de Protección Pecuaria del SAG de Chile comunicó la culminación satisfactoria del proceso de evaluación de la condición sanitaria del Paraguay respecto a la fiebre aftosa.

Según Senacsa, en el año 2015 fueron realizadas exportaciones a Chile por un valor total de US\$ 318.866.344. En el año 2016 Chile se posicionó como primer país de destino de exportación de la carne paraguaya, por un valor de US\$ 350.285.386 y al 30 de abril del 2017, las exportaciones a Chile ya alcanzan un total de US\$ 124.732.124.

En otro orden, la Fundación Asociación Rural del Paraguay (Fundarp) firmó ayer un convenio con Sinafocal para la realización de siete cursos de capacitación laboral a pobladores de San Pedro, Itapúa, Paraguari y Presidente Hayes, que beneficiará a unos 175 jóvenes, con el fin de que los mismos puedan acceder a mejores puestos de trabajo.

Fuerte polémica por la creación del Instituto de la Carne

16/05/17 El instituto paraguayo de la carne, cuyo funcionamiento proyecta la Asociación Rural del Paraguay (ARP), será solventado con aporte de un dólar por ganado vendido y su funcionamiento no implica que habrá nuevos impuestos. “Hemos apostado por la carne paraguaya a costilla nuestra”, dijo Luis Villasanti, titular de la ARP.

En entrevista concedida a este diario, el presidente del gremio pecuario reiteró este último fin de semana el interés de la ARP de acompañar la creación de un organismo que permita lanzarse al mundo como todos los países del primer mundo productor de carne. Mencionó a Estados Unidos, Argentina, Uruguay, Brasil, Nueva Zelanda y Australia.

Señaló que el instituto paraguayo de la carne, cuyo proyecto se encuentra en el Parlamento, será costeadado por los ganaderos y no implicará aumentar impuestos. “Nosotros vamos a poner un dólar por ganado comercializado y vamos a promocionar con mayor énfasis el comercio de la carne”, expresó el titular de la ARP.

Se le indicó que de acuerdo a los antecedentes, hay oposición de parte de la Cámara Paraguaya de Carnes al citado instituto. “Pero lógicamente que siempre hay oposición. Por eso sería muy interesante un debate, porque las oposiciones siempre son sectarias y personales. Nosotros no tenemos ninguna posición sectaria. Para nosotros primero está el país, después el país y por último el país. Ese es el sentir de la Asociación Rural del Paraguay”, respondió Villasanti.

Preguntado si hay posibilidad de dialogar con miembros de la Cámara Paraguaya de Carnes y llegar a un entendimiento, contestó que realmente quieren conversar con el Congreso y también con la Cámara, hacer un debate para ver realmente quiénes son los que tienen razón y quiénes no. “Tenemos que tener un diálogo, un intercambio de ideas y ponerlas sobre la mesa y decir: bueno, señores, cuáles son las ventajas para el país. No hablemos de ventajas sectarias. Eso no vamos a aceptar”, indicó.

17 de Mayo de 2017 Para la Cámara Paraguaya de la Carne (CPC), la posible creación de un instituto de la carne está finiquitada, según dijo ayer Juan Carlos Pettengill, titular del gremio. Alegó que la CPC, el Ministerio de Industria y Comercio (MIC) y el Senacsa ya elaboraron y está en marcha el plan 2017 de promoción y habilitación de mercados para el sector, por lo que no consideran necesario crear un instituto. Pettengill fue consultado respecto a las declaraciones del presidente de la Asociación Rural del Paraguay, Luis Villasanti, quien manifestó a este diario que el gremio seguirá insistiendo por la creación de un instituto paraguayo de la carne, para, entre otras cuestiones, promocionar la carne nacional a nivel mundial.

“Para la Cámara Paraguaya de la Carne el instituto es un tema finiquitado. Nosotros ya hemos anunciado nuestro plan 2017 de inversión en promoción de habilitación de mercados”, contestó Pettengill al ser consultado al respecto.

Señaló que en la actualidad están trabajando en conjunto con el Ministerio de Industria y Comercio y el Senacsa en ese sentido.

Mencionó que en junio próximo participarán en la feria de Taipei (Taiwán) con un stand donde habrá degustación de la carne paraguaya para los importadores de carne de ese país.



También a principios de junio, miembros de la CPC viajarán a Israel con el titular del MIC, Gustavo Leite, y un grupo empresarial para promocionar la carne paraguaya. Del 5 al 10 de junio visitará nuestro país una auditoría de Hong Kong para habilitar el mercado de esa región del mundo para nuestro país. Igualmente, dijo que en octubre próximo participarán con degustación de carne paraguaya en la feria de Colonia, Alemania.

“La Cámara ya tiene trazado su plan. Nosotros no vemos la necesidad de hacer un instituto de la carne para la promoción de nuevos mercados. Pero si la Rural (ARP) quiere hacer un instituto para mejorar los niveles de marcación de terneros, de nacimientos, para mejorar su índice, aplaudimos, y vemos con muy buenos ojos”, dijo y recalcó que para lo que es promoción y habilitación de nuevos mercados, la Cámara ya se está encargando, cuenta con los fondos y está trabajando muy bien con el servicio sanitario y con los ministerios de Industria y Comercio y de Relaciones Exteriores.

Finalmente, expresó que la Cámara Paraguaya de la Carne está muy conforme con la tarea realizada, ya que lograron habilitar más de 60 mercados en el mundo para la carne paraguaya.

Asociación Rural del Paraguay

“Hemos apostado por la carne paraguaya a costilla nuestra. Le hemos dicho al Gobierno, señores, vamos a poner un dólar por cada ganado que se exporta de nuestro bolsillo para poder tener un instituto y para poder lanzarnos al mundo como todos los países del primer mundo, como Estados Unidos, Argentina, Uruguay, Brasil, Nueva Zelanda y Australia. Hagamos nosotros, pero bajo nuestro costo, no es que vamos a pedir que se cobre un impuesto. No, nosotros vamos a poner un dólar y nosotros vamos a promocionar con mayor énfasis el comercio de la carne mundial”, fueron las expresiones de Luis Villasanti, titular de la Asociación Rural del Paraguay (ARP)

Senacsa puede apoyar, pero no integrar instituto de la carne

19 de mayo de 2017 El Senacsa no podrá formar parte de un organismo de carácter privado como sería el instituto paraguayo de la carne (IPC), que se pretende crear, afirmó ayer el titular del ente estatal, Hugo Idoyaga. Dijo que sí cooperarán con ese organismo desde el enfoque sanitario, pero desde el punto de vista legal no tienen competencia, porque será de carácter comercial y promocional.

Idoyaga fue consultado ayer telefónicamente acerca del proyecto de ley que crea un “instituto paraguayo de la carne”. El funcionario se encuentra en Francia, donde participa de reuniones previas a la reunión general de la OIE (Organización Mundial de Sanidad Animal), que se realizará en los próximos días.

De acuerdo con el proyecto radicado en la Cámara de Diputados, el consejo directivo de ese instituto paraguayo de la carne estaría integrado por dos representantes de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), dos de la Cámara Paraguaya de la Carne (CPC), un representante de Senacsa y un representante del Ministerio de Relaciones Exteriores. Al respecto, el doctor Idoyaga dijo ayer que el Senacsa (Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal) no puede formar parte del ente ya que, de crearse, se tratará de un ente del sector privado.

“Hasta donde manejamos nosotros, el ente se dedicará a la promoción de la carne. Sería el tema principal, entre otros. Pero como institución sanitaria, nosotros no tenemos competencia legal, y para mí no formaremos parte una vez aprobado el proyecto de ley. De continuar este proyecto, no formaremos parte de ese instituto”, respondió ante la consulta.

Apoyo sanitario

Señaló que si bien brindarán todo el apoyo necesario al instituto, una vez en funcionamiento la competencia del Senacsa “es exclusivamente sanitaria y no realmente de carácter comercial o promocional”.

“Daríamos el apoyo, una vez creada la institución. Daremos el apoyo sanitario que nosotros siempre hacemos, pero en este caso el organismo a ser creado sería totalmente de carácter comercial y promocional, y estaría a cargo exclusivo del sector privado”, agregó.

Recalcó que el Senacsa brindará el apoyo al instituto, porque para que salgan fuera del país a buscar mercado para la carne precisarán de un ente sanitario adecuado. “Pero no somos competentes para formar parte de esa institución. Es una iniciativa del sector privado; por tanto, yo creo que debe regirse exclusivamente por ellos (ganaderos y frigoríficos)”, apuntó Idoyaga.

El funcionario espera que tanto la Asociación Rural del Paraguay (que está a favor de crear el instituto) como la Cámara Paraguaya de la Carne (que se opone) se pongan de acuerdo y echen a andar el nuevo instituto.

Vacunación irá hasta el 3

El presidente interino de Senacsa, Arnaldo Ravera Knorr, emitió una resolución del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal por la cual prórroga el segundo periodo de vacunación contra la fiebre aftosa de este año en todo el territorio nacional, correspondiente a las categorías terneros, desmamantes machos y hembras (bovinos y bubalinos) hasta el próximo 3 de junio. El plazo de vacunación inicialmente estaba establecido hasta el 19 de mayo. Sin embargo, debido a situaciones climáticas que afectan a distintas



zonas del país por la anegación de campos, la Dirección General de Sanidad Animal de Identidad y Trazabilidad del Senacsa, pidió prorrogar hasta el próximo 3 de junio la vacunación.

UNIÓN EUROPEA

Nuevo caso de EEB atípica detectado en ESPAÑA

15/05/2017 La OIE ha informado de un caso de encefalopatía espongiforme bovina (EEB) atípica detectado en Cantabria. fue detectado en una explotación ganadera de 51 animales y solamente uno de ellos estaba infectado.

El 28 de abril de 2017 el Laboratorio Central de Veterinaria de Algete recibió una muestra de tronco encefálico sospechosa de EEB desde el laboratorio regional acreditado de Sanidad animal de Cantabria. Tras haber obtenido resultado positivo a test rápido, se iniciaron las pruebas de confirmación autorizadas por los reglamentos comunitarios que volvieron a dar positivo.

Posteriormente procedió a hacer pruebas de discriminación de cepas de EEB a través de inmunotransferencia, resultando EEB atípica cepa tipo L. La muestra se tomó como parte del programa nacional de vigilancia de EETs (muestreo de animales muertos o no sacrificados para el consume humano mayores de 48 meses de edad).

El animal afectado era una hembra nacida el 25 de febrero del 2002.

ESTADOS UNIDOS

Anuncian reapertura del Mercado chino

15 May 2017 US & CHINA - China and the US have reached a new deal that will ease market access in agriculture, financial services and energy, marking both sides' willingness to advance the trade relationship and alleviating fears of a trade war between the world's two largest economies.

The 10-part deal is the first result of the 100-day action plan that President Xi Jinping and US President Donald Trump agreed to pursue at their meeting at Mar-a-Lago in Florida in April. It will start in mid-July.

Under the deal announced by the Trump administration on 11 May, China agreed to resume imports of US beef by 16 July. In return, the US agreed to open its market to Chinese cooked poultry.

The agreement would also streamline the evaluation of pending US biotechnology product applications and facilitate the entrance of Chinese banks into the US banking market.

Beijing and Washington also agreed to discuss extending the initial 100-day action plan to a one-year plan.

Both sides will hold the first meeting of the Comprehensive Economic Dialogue during the summer this year.

Vice-Finance Minister Zhu Guangyao said the deal was a result of cooperation based on the principle of mutual benefits, stressing that the agreement was not "a list of one side's concessions".

"The Chinese and US teams carried out nearly 30 rounds of consultation to achieve the agreement. It was a result of cooperation and reflected the expectations of the people of the two countries," Mr Zhu told reporters at a news conference on Friday.

Vice-Commerce Minister Yu Jianhua said the agreement altered the expectation of a possible trade war between the two sides, adding that stable China-US relations will be a "positive force" for the recovery of the global economy.

In announcing the agreement on Thursday evening, US Commerce Secretary Wilbur Ross said "US-China relationships are now hitting a new high, especially in trade."

He hailed the agreement as "a herculean accomplishment" forged in record time.

"This will help us to bring down the deficit for sure," Mr Ross said at media briefing in Washington. "You watch and you'll see."

In the energy sector, the US already is shipping some liquefied natural gas to China and said it could negotiate any type of contract, including long-term contracts, with US suppliers.

In financial services, China pledged to grant market access to US credit rating agencies and credit card companies and agreed to issue licenses to "two qualified US financial institutions" for the interbank bond underwriting and settlement business.

Mr Ross told CNBC that the US also had agreed to treat Chinese financial institutions the same way as other foreign banks that want to open activities in the US.

"Clearly China, whose banks are among the largest in the whole world, wants access to the US banking market," he said. "As long as they can comply with the normal rules, they will get access."

In 2003, China imposed an import ban on US beef due to a case of mad cow disease in Washington state. It had conditionally lifted the ban, but few purchases have been made.

On the resumption of US beef exports to China, Mr Ross said: "It's a very big market; it's at least a \$2.5 billion market that's being opened."

The beef agreement also drew praise from the National Cattlemen's Beef Association.



"It's impossible to overstate how beneficial this will be for America's cattle producers," Craig Uden, president of the association, said in a statement.

"We look forward to providing nearly 1.4 billion new customers in China with the same US beef that we feed our families."

TheCattleSite News Desk

Impacto de la reapertura

By John Nalivka President Sterling Marketing May 16, 2017 With China set to begin importing U.S. beef no later than July 16th, America's robust beef export market will sparkle even more. For the first quarter of 2017, U.S. beef export tonnage was up 22% from a year ago and the value of those exports was up 23%.

We know that some of the U.S. beef exports to Hong Kong and Taiwan have been going to China already. I am not sure if we can put an exact amount on those "trans-shipments." In 2016, our beef exports to Hong Kong were 294 million lbs. or 12% of total U.S. beef exports, while 137 million lbs. were shipped to Taiwan, or 5% of the total. Year-to-date through March, exports to Hong Kong were 66 million lbs., down 16% from a year ago. U.S. shipments to Taiwan were 30 million lbs. and 24% higher than the prior year.

China's announcement would further add U.S. beef to those trans-shipments and will go directly from the U.S. to China.

There are a couple of major points for consideration before we begin shipping beef to China. First, the U.S. must agree upon food safety considerations with regard to poultry. This concerns both the importing of cooked chicken from China and exporting chicken to China. The Chicken Council is positive as these talks offer the opportunity to break down barriers resulting from avian influenza for U.S. chicken going to China.

The second issue is China's requirement for source and age verification for U.S. beef, a food safety concern and ultimately their reason for stopping importing U.S. beef in 2004 following BSE.

The U.S. does not have a mandatory cattle ID program, and furthermore, I don't think we will in the near future. So, China will have to accept our voluntary system and they probably will. The number is somewhat fluid, but a couple of years ago I estimated about 15% of U.S. cattle were age and source verified. I was closer to that business then I am now. I was a partner in a company that provided that service.

In addition to age and source verification, China may also demand hormone-free and/or GMO free beef. Non-GMO has been a major consideration for other agricultural product shipments to China. While GMOs are not directly specific to beef, the issue concerns feed. We can meet either or both stipulations.

I do not know what the final trade agreement will say concerning hormone-free or GMO-free, but the potential supply of beef for that specific market is significantly reduced. USDA has not revised their country list of Export Requirements to again include beef for China but I expect that to coincide with release of the final proposed rules.

That brings us to the U.S. beef products that would be shipped to China. China's demand for U.S. beef would probably mirror many of the items shipped to other Asian countries. These include some primal beef cuts for retail as well as food service. Also, there will be demand for selected variety meats. So, at this time it is somewhat difficult to address specifically the impact but generally, additional export business does and will further support wholesale beef prices.

Export market support tends to be seen across the market as the psychological impact is as real as the trade volume impact on prices. The timing for initiating this export business to China will likely support prices could just be a continuation of the current price strength and support prices following Memorial Day weekend and into the third quarter when I expected the increasing supply coupled with increased pork production to pressure the market.

Misión de ganaderos hacia Japón y Corea

18 May 2017 JAPAN & SOUTH KOREA - A team of beef producers from Texas, Oklahoma and Colorado joined USMEF in Japan and South Korea last week to get a better understanding of the two largest value destinations for US beef exports and identify potential areas for further growth.

A cutting demonstration featuring US beef was part of a trade seminar hosted by USMEF in Japan

The delegation included representatives of the Cattlemen's Beef Board (CBB), the Texas Beef Council (TBC) and the Colorado Beef Council (CBC). Led by USMEF staff, the producers examined market conditions and met with key international customers in both countries. They also participated in promotional activities organized by USMEF, visited cold storage facilities packed with US beef products and toured retail outlets to see how US beef is merchandised and sold to consumers.

"It's been an eye-opening experience because we had heard a lot about these markets and you can get a vision of it, but until you actually see it in person you can't really imagine how well our checkoff dollars are being used – it's a great investment," said Brett Morris, chairman of the Cattlemen's Beef Board and a cattle producer from Oklahoma.

"Consumers are enthusiastic about US beef in both Japan and Korea. They love beef and they are willing to pay for it. And there is a lot of respect for USMEF staff and what they have been doing here."



The Japan visit included a briefing at the US Embassy in Tokyo, a US beef trade seminar for Japanese retailers and importers, and a tour of Nippon Ham's cold storage facility. Team members met with major buyers of US beef and were introduced to Japanese consumers during a USMEF "Urban BBQ" consumer event, where they shared information about US beef production and learned about consumer demand. To explore trends in Japanese dining, the team visited yakiniku and shabu-shabu restaurants.

"USMEF has been promoting the use of thicker cuts of US beef and we noticed that in a lot of places," said Jackie Means, a Texas beef producer and TBC member.

"The exciting thing for us is that all of the restaurants we went to were serving US beef. Another exciting thing is that, in talking to retail and restaurant managers in both countries, there has been a thickening of traditional dishes. They are using US beef and choosing thicker cuts. This is a winning move because it means they are ultimately using more US product."

In Korea, the team attended a briefing at the US Embassy in Seoul, then toured the distribution center of Lotte Mart, a major Korean retailer. They also toured a Costco store, where they saw firsthand results of that company's recent decision to begin selling chilled US beef exclusively.

The US producer delegation participated in "Urban BBQ," a consumer event in Japan promoting US beef. "Both Japan and Korea have to import roughly 60 per cent of their food, so they are very important markets and there is competition, but we saw how USMEF works in both countries to promote our beef," said Todd Inglee, a Colorado beef producer and chairman of the CBC.

"One of the big challenges in Asia is displacing Australian beef, and we were able to witness success at the Costco in Korea. You see how consumers react to US beef and how enthused they are at the Costco meat department. It's dominated by US beef and shoppers were just continuously picking up our beef products."

Taking part in a US beef trade seminar held in Japan allowed the producers to meet Japanese retail buyers, distributors, trade media and US packers. The focus of the seminar was on providing customers of US beef new ideas to merchandise chuck and round cuts at retail and expand shelf space, as well as market underutilized cuts. The seminar included a cutting demonstration that featured several US beef cuts.

Japanese retailers and importers learn about US beef during a trade seminar hosted by USMEF and attended by cattle producers from Texas, Oklahoma and Colorado.

"From a beef selling point of view, it is very favorable to use many and various kind of cuts to utilize the whole beef carcass," explained Mr Morris, who noted that shoulder clod, top round and flat round were highlighted.

A tasting followed, featuring US beef round flat, shoulder clod, deep fried beef cutlet top round and beef stir-fry with cabbage.

The team participated in a Texas-themed cooking class and contest on Friday and were scheduled to return to the US on Saturday.

AUSTRALIA

Demanda china favorecerá a la industria frigorífica australiana

15 May 2017 - Soaring demand for cattle from China is likely to bolster the Australian beef industry, analysts said.

Following news that Australia's richest woman and mining magnate Gina Rinehart was seeking to ramp up cattle exports to China, industry experts have said that the country's beef industry was likely to see a robust growth.

Michael Whitehead from the ANZ Bank's agribusiness sector told News Corp that it is no wonder Australia's richest were continuing to pour their money into the beef industry, citing Ms Rinehart and retail giant Gerry Harvey as examples of key investors.

"Being in control of the start of the beef supply chain is a great place to be if protein is going to be increasingly in short supply," Mr Whitehead said of Australia's beef industry.

"Investors, too, are starting to look for industries that can't be disrupted. You can disrupt banks, hotels, media, taxis and property, but how do you disrupt Australian beef.

"So it follows that if you are a billionaire, it is obvious that you will never lose your money by buying and investing in Australian cattle properties. It's a great project and space to be in."

Harold Mitchell, a prominent Australian beef investor, told News Corp that unlike the mining boom, after which demand for resources dropped, it was highly unlikely that a demand for basic proteins such as beef would subside, instead predicting that demand would continue to rise for decades to come, even if prices come down when supply catches up with demand.

A great supporter



"I've been a great supporter of the industry and still think it has a long way to go. There will always be a shortage of protein in a growing world," he said.

"The China trade is just starting to take off and the United States has had so much demand for our hamburger meat; but things are changing fast and we are right at a point where the price of stock is so high that I fear a (price) collapse is coming."

He said if Australian suppliers could breed more beef cattle, Australia would be able to meet the demands for both local and overseas consumers for decades in the future.

Exportaciones de hacienda en pie: cayeron en abril

11 May 2017 Feeder and slaughter cattle exports in April were just 58,000 head, bringing the year-to-date total to 223,000 head, 41% below year-ago volumes, as highlighted in the latest edition of Livelink. Conditions have remained much the same since the start of the year, with exports being restricted by lower availability of Australia cattle, high cattle prices and a variety of in market challenges.

Year-to-April shipments to Indonesia were back 18%, at 159,000 head, influenced by a combination of supply limitations out of Australia and the emergence of Indian buffalo meat (IBM) across the country. With Ramadan commencing at the end of May, shipments would have needed to clear customs in April to supply the religious consumption period – therefore the historical surge in cattle exports looks unlikely.

The domestic market also appears to have been impacted by the presence of IBM, with local slaughter numbers also tracking lower. Political uncertainty across Indonesia is also contributing to a decline in consumer buying power.

Current wet market prices for IBM in the Greater Jakarta area continue to vary and range from IDR 75,000-105,000/kg, while fresh beef trades at a premium from IDR 110,000-120,000/kg.

Exports of feeder and slaughter cattle to Vietnam totalled almost 14,000 head in April, an increase on the two months prior, albeit off a low base. Feeder and slaughter exports to Malaysia have halved over the past year, underpinned by an unfavourable exchange rate and cheaper Thai cattle entering the country.

Live feeder cattle delivered to Darwin are currently \$3.30-3.40/kg lwt – about 10% lower since January but a typical trend for this time of year, as mustering gets under way and additional numbers begin to flow through the system.

VARIOS

JAPON: importaciones tocaron el nivel más elevado de los últimos catorce años

18 May 2017 Japan beef imports during the first quarter were the highest since 2003, at 119,000 tonnes swt (albeit only marginally larger than 2011 and 2012). While US competition has ramped up significantly over the past year, additional demand has also resulted in increased shipments from Australia, despite ongoing supply restrictions and high prices.

Growth drivers

Beef imports usually increase this time of year with the onset of summer and the golden week holiday (April 29 – May 5) period assisting consumption. Great weather during this year's vacation period and supermarkets running imported beef promotions provided an additional boost to demand.

However, beef import growth has also been underpinned by a continued contraction in local supply. As reported by ALIC, beef production in Japan over the twelve months ending March was 324,000 tonnes (product weight) – the lowest volume since 2001 following several cases of BSE.

Also reflecting tight supplies, Japan beef cold store inventories are at a four-year low. In addition, while palling in comparison to imports, Japan beef exports have grown to record volumes over the twelve months ending March, exceeding 2,000 tonnes swt for the first time (ALIC).

Working in Australia's favour this year has been the latest (but modest) beef import tariff reduction in April – under the Japan-Australia Economic Partnership Agreement (JAEPA) – and the recent surge in US cattle and beef prices (see this week's US buyer story).

Aussie cuts grow

Australian beef exports to Japan have increased 11% year-on-year over the January to April period. Frozen grassfed beef, particularly manufacturing product (22,000 tonnes swt, up 37% year-on-year), has recorded the greatest growth – unsurprising given it has the least overlap with predominantly chilled grainfed US beef.

Australian grainfed beef exports have still managed to expand 7% so far this year despite increased US competition. Grainfed manufacturing (12,000 tonnes swt, up 23%), silverside (4,600 tonnes swt, up 56%), chuckroll (3,300 tonnes swt, up 5%) and blade (3,300 tonnes swt, up 9%) recorded strong growth over the January to April period, while grainfed brisket exports were steady (6,000 tonnes swt).



CHINA abre el Mercado a BIELORUSIA

17 May 2017 BELARUS - China is going to open its market to Belarusian beef, BeITA learned from Alexei Bogdanov, Head of the Central Office for Foreign Economic Activities of the Belarusian Agriculture and Food Ministry.

Belarusian Agriculture and Food Minister Leonid Zayats met with Zhi Shuping, Minister of the General Administration of Quality Supervision, Inspection and Quarantine of the People's Republic of China, on 15 May.

An agreement on allowing Belarusian beef sales in China was initialed during the meeting. Once several formalities are taken care of, the agreement will be signed as part of the official visit of the Chinese food quality oversight agency head to Minsk on 7-12 July, said Alexei Bogdanov.

Specialists of the Chinese food quality watchdog audited four Belarusian meat-processing enterprises in October 2016. As a result of the audit the four enterprises adjusted their manufacturing processes and veterinary documents to match Chinese requirements.

The work has been finished and the results fully satisfy the Chinese side. Belarus is the largest beef exporter in the post-Soviet space. The country exports over 135,000 tonnes of beef per annum. It is the world's seventh largest cooled beef exporter.

In 2016, Belarusian beef was exported to ten countries.

Mr Bogdanov said: "Once the Chinese market is open, we will be able to greatly diversify our export. Prices for beef are rather high on the Chinese market.

"Certainly, a lot of work has yet to be done to build retail chains with Chinese partners. We intend to export about 20,000 tonnes of beef to China within one year. The certification of Belarusian poultry factories will be the next step on the part of the Agriculture and Food Ministry."

TheCattleSite News Desk

EMPRESARIAS

JBS posterga oferta de acciones en ESTADOS UNIDOS

17/05/17 - por Equipe BeefPoint A JBS adiou os planos para sua oferta pública inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) nos Estados Unidos, prevista inicialmente para ocorrer até junho deste ano.

Segundo Wesley Batista, presidente da companhia, o lançamento das ações pode ocorrer no segundo semestre, mas apenas se a companhia concluir que a avaliação da empresa pelos investidores não está comprometida diante das operações da Polícia Federal.

A operação Bullish, deflagrada pela PF na sexta-feira (12), investiga suspeitas de irregularidades na liberação de recursos pelo BNDES à JBS.

O plano da empresa é ofertar ações na Bolsa de Nova York da JBS Foods International, subsidiária que concentrará a operação internacional da companhia.

Apesar da operação agora estar em suspenso, a JBS sustenta que não há impedimento legal para que ela seja realizada. A decisão judicial que autorizou a Bullish determina que os controladores da JBS não podem realizar qualquer mudança estrutural e societária na empresa.

De acordo com Batista, a interpretação da área jurídica da JBS é que a decisão judicial que autorizou a Operação Bullish na semana passada mira uma reestruturação de forma substancial, que poderia alterar a estrutura da empresa e composição do controle acionário, mas não a listagem de subsidiária, aquisições ou desinvestimentos.

Às 11:38, as ações da JBS caíam 6%, a R\$ 10,12, na ponta negativa do Ibovespa, depois que o resultado do primeiro trimestre veio abaixo do esperado por analistas.

Fonte: Reuters, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Piden analizar la fusión entre JBS y Bertin

16/05/17 - por Equipe BeefPoint Depois de sete anos, a fusão bilionária entre os frigoríficos Bertin e JBS está em xeque. A Procuradoria Geral da Fazenda Nacional (PGFN) está pedindo que a Justiça cancele o negócio, alegando fraudes fiscais e societárias. A procuradoria entende que não houve uma fusão, como foi anunciado, mas sim uma operação efetiva de compra e venda.

O problema central apontado foi o uso de um fundo de investimentos em participações (FIP) na estrutura do negócio, o que colocou um terceiro sócio na operação, a Blessed Holdings LLC, com sede no Estado americano de Delaware. Esta empresa entrou como cotista do fundo, então intitulado Bertin FIP. Por conta da suposta fraude, já foi pedido o bloqueio de R\$ 4 bilhões em bens do grupo Bertin.

A forma como a operação foi montada e a transferência de cotas entre o Bertin e a Blessed despertou suspeitas no Citibank, que era o administrador do fundo. Recentemente, em um julgamento no Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf), o banco disse ter sido o primeiro a avisar as autoridades de que havia indícios de lavagem de dinheiro e sonegação fiscal na operação de fusão.



A Blessed teve seus bens bloqueados na sexta-feira, com a operação Bullish, além das empresas do grupo J&F, holding que controla a JBS, e a família Batista. A Blessed – que ainda é cotista do fundo, hoje chamado Pinheiros – tem como acionistas duas seguradoras, uma com sede em Porto Rico e outra nas Ilhas Cayman, que possuem idêntica apresentação e sócios. Esse tipo de estrutura, segundo alegou o Citibank, é normalmente usada para esconder o sócio final.

Há menos de um mês, o Citibank foi absolvido em um processo administrativo que envolvia a fusão.

Já o Bertin perdeu o processo. Desde o início do ano, a empresa teve seu patrimônio bloqueado pela Justiça para fazer frente às cobranças da Fazenda Nacional. Agora, com a decisão do Carf, ficará mais difícil reverter. A empresa não comentou.

Para a JBS, em caso de uma decisão judicial que cancele a fusão, os impactos podem ser gigantescos. Fontes próximas ao grupo Bertin dizem que os R\$ 4 bilhões devidos ao fisco poderão parar direto na conta da J&F Investimentos, que é dona da JBS. Isso porque haveria um acordo entre eles, datado da época da fusão, que previa que a J&F assumiria possíveis contestações futuras.

A empresa nega

Em nota, informou que “não há nenhum pedido de cancelamento da incorporação da Bertin S/A – divisão frigorífica (CNPJ 09.112.489/0001-68). Ao incorporar a Bertin S/A, a JBS assumiu o passivo exclusivamente desta empresa, não havendo, portanto, nenhuma responsabilidade por outros passivos. A escolha do FIP foi feita pela Tinto, controladora da Bertin”, disse a nota.

Fonte: O Estado de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.